

Intervenção arqueológica e sequências estratigráficas

CARLOS TAVARES DA SILVA

A intervenção arqueológica realizada em 2008 (entre 1 de Abril e o fim desse ano, durante 180 dias úteis), no edifício nº 19 da Rua António Joaquim Granjo (38° 31' 24" N e 8° 53' 20" W), em Setúbal, realizada pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), contou com a participação dos arqueólogos Carlos Tavares da Silva (coord.), Antónia Coelho-Soares, Joaquina Soares e Susana Duarte do MAEDS,

bem como dos técnicos de arqueologia, do mesmo museu, Júlio Costa e Jorge de Jesus Domingos Costa. O estudo de materiais esteve a cargo dos arqueólogos Alice Toso, Antónia Coelho-Soares, Catarina Bolila, Carlos Tavares da Silva, Eurico de Sepúlveda, Michelle Alexander e Susana Duarte, e da historiadora da arte Licínia Wrench, da arqueozóloga Cleia Detry e da bioantropóloga Margarida Figueiredo.



Fig. 1 - Localização do lote intervenido na Rua António Joaquim Granjo, 19 na planta do Centro Histórico de Setúbal.

A escavação, determinada pelo aparecimento de pavimento musivo da época romana, à profundidade de apenas 0,3m, no decurso de obra de reparação do sistema de canalizações, viria a efectuar-se em extensão, abrangendo a maior parte do lote. Este foi quadrículado a partir da implantação de um sistema de eixos ortogonais, orientado segundo o norte magnético; os quadrados (Q.), com 2m de lado, foram designados por letras maiúsculas, de oeste para este, e números árabes de sul para norte. Deste modo, a área intervencionada foi abrangida pelos Qs. E-M/6-8.

A escavação seguiu o método estratigráfico. Os sedimentos foram integralmente crivados através de malha de 4mm e os materiais arqueológicos, etiquetados e posteriormente lavados, colados, marcados e inventariados em base de dados informatizada, no Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS.

Os planos e perfis estratigráficos foram registados através de desenho à escala de 1:10 e referenciados a partir da quadrícula implantada. As cotas referem-se à Rede Geodésica Nacional.

Sequências Estratigráficas

A escavação em profundidade foi realizada através de seis sondagens (A a F) localizadas em áreas desprovidas de estruturas (Fig. 2). Assim, as Sonds. A (1x1,5m) e B (1/0,75x2,5m) foram abertas na Sala II do Edifício A onde o mosaico romano havia desaparecido; as Sonds. C (1/1,5x1,75 m), D (1/0,75x5m), E (1x2,5m) e F (1,75x2m) em espaços onde as estruturas romanas estavam ausentes ou tinham pouca relevância, respectivamente nos Qs. J6-7, G-I/6-7, E-F/6 e F7.

As referidas sondagens permitiram observar as seguintes sequências estratigráficas.

Sondagens A-B¹ (Figs. 4-6)

Cs. 1 e 2 - Pavimentos e respectivas sub-bases do edifício actual.

C. 3 - Sedimento argiloso cinzento escuro,

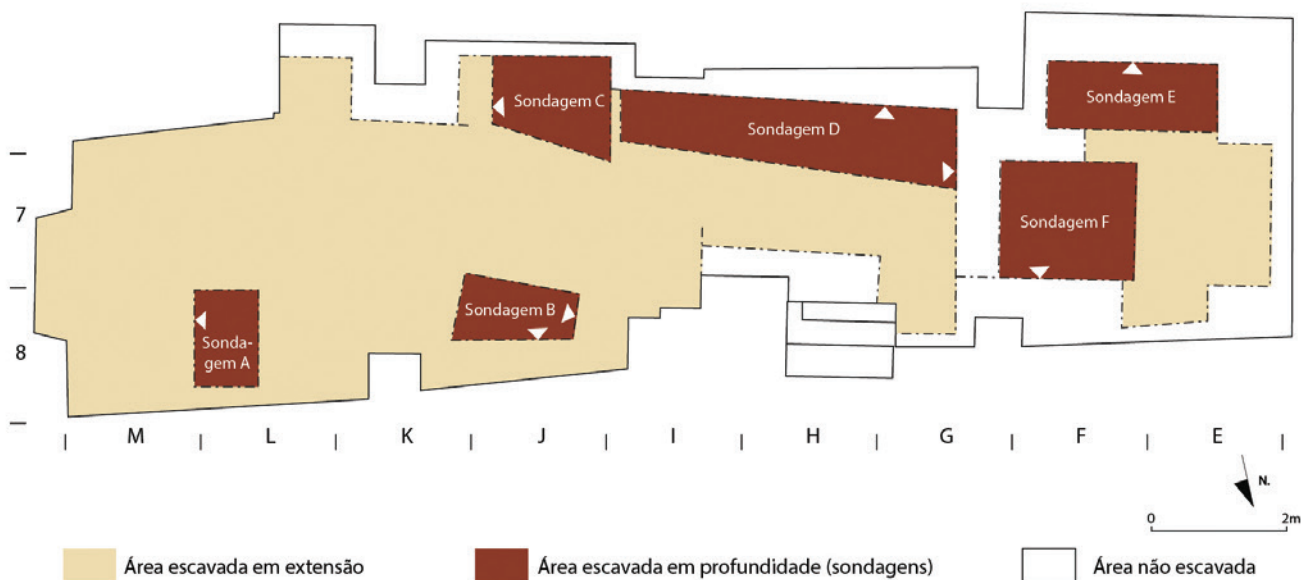


Fig. 2 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Área intervencionada com a localização das sondagens.

1 - Ambas as sondagens apresentam a mesma sequência estratigráfica.



Fig. 3 - Rua Ant3nio Joaquim Granjo, 19. Planta geral da 3rea escavada.

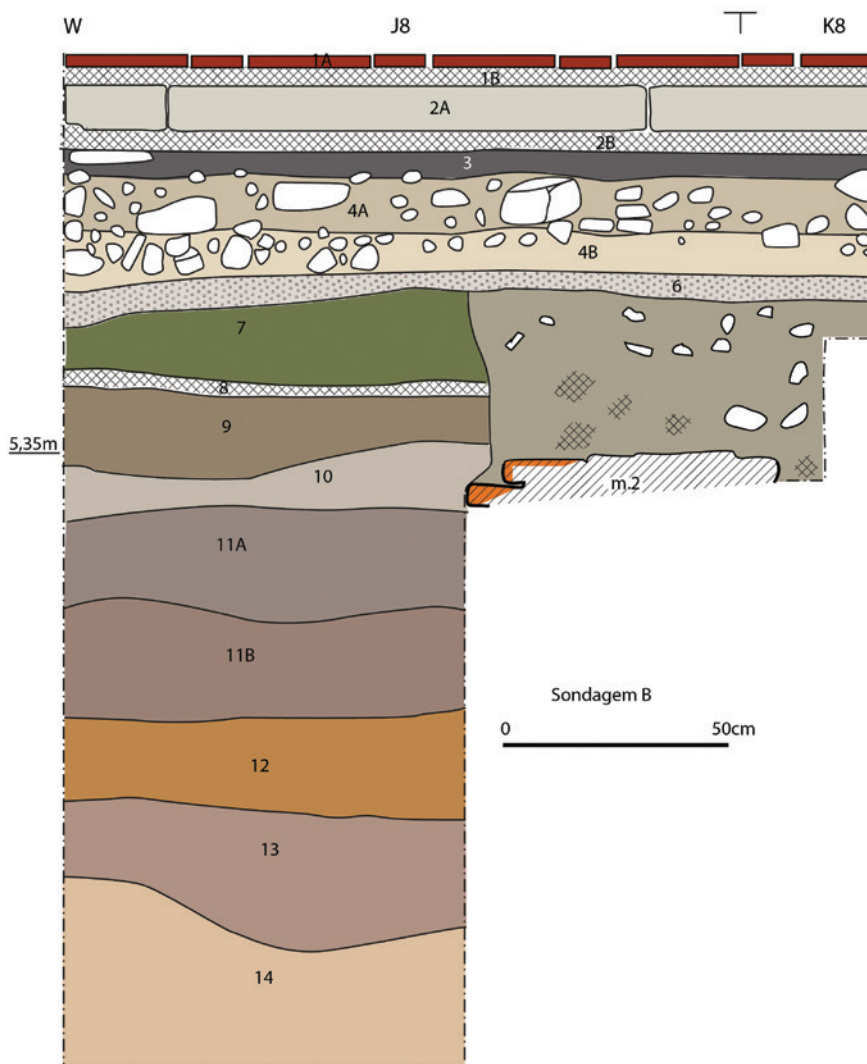


Fig. 4 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Perfil norte da Sondagem B.

contendo rara cerâmica medieval islâmica. Nos Qs. L-M/8, preenche fossa, cuja abertura, no período islâmico (?) rompeu o mosaico romano. Descontínuo.

C. 4A - Nível formado por entulhos e detritos: blocos pétreos e abundante cerâmica de construção. Forneceu rara *terra sigillata* africana D (Hayes 61 A e B).

C. 4B - Nível de abandono constituído por sedimento areno-argiloso castanho-amarelado, com escassos elementos pétreos. Forneceu ânfora Almagro 51c, var. B.

C. 5A - Pavimento musivo.

C. 5B - Sub-base do pavimento musivo da C. 5A.

C. 6 - Pavimento de pequenos calhaus rola-

dos argamassados com cal e areia.

C. 7 - Sub-base em argila avermelhada/esverdeada do pavimento da C. 6. Forneceu *terra sigillata* sudgálica Drag 27.

C.8 - Primeiro pavimento, de argamassa, da Sala II do Edifício A, da época romana.

C.9 - Sedimento arenoso acastanhado. Forneceu *terra sigillata* de tipo itálico (Consp. 20) e sudgálica (Drag. 18, var. Genin B), paredes finas Mayet VIII ou VIIC e Marabini XXXII e ânforas Dressel 14, variante A e Dressel 20.

C.10 - Sedimento arenoso, castanho-amarelado, embalando escassos elementos pétreos. Integra a vala de construção do Muro 1, a qual forneceu *terra sigillata* sugálica (Drag. 15/17, var. Genin B) e ânfora Dressel 14, var. A.

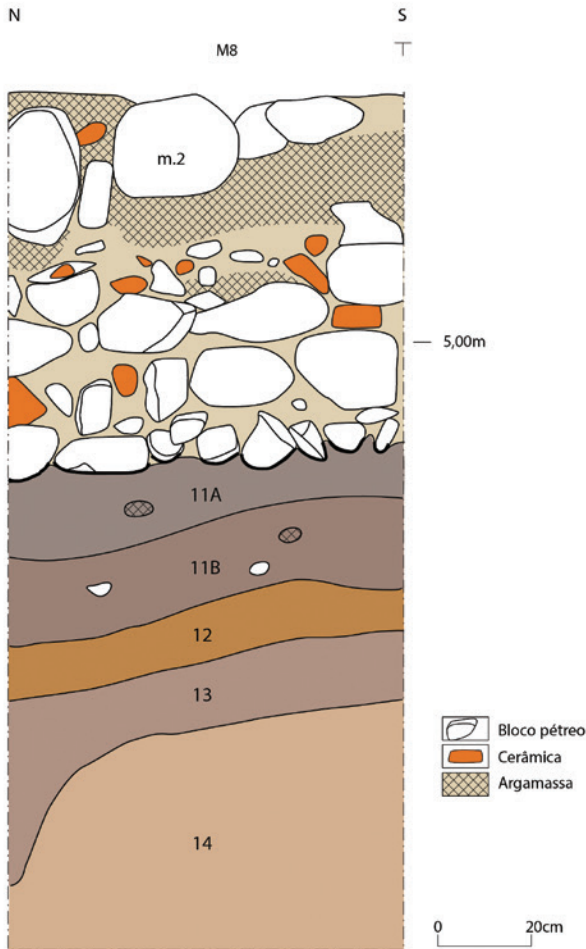


Fig. 5 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Sondagem A, perfil este. O Muro 2, com o respectivo alicerce, é da época romana. As Cs. 11A a 13 são da Idade do Ferro.

C. 11A - Sedimento argiloso de cor vermelho-acinzentada escura, compacto, embalando elementos pétreos de pequena dimensão. Escasso material arqueológico, da Idade do Ferro: cerâmica cinzenta orientalizante, cerâmica oxidante de tipo “gris“, cerâmica comum ao torno e cerâmica manual.

C.11B - Sedimento argilo-arenoso castanho-acinzentado escuro, compacto, com carvões dispersos. Escasso material arqueológico, da Idade do Ferro: cerâmica cinzenta orientalizante, cerâmica oxidante de tipo “gris“, e cerâmica comum ao torno.

C.12 - Sedimento argilo-arenoso, compacto, castanho-avermelhado com carvões dispersos. Material cerâmico da Idade do Ferro: cerâmica cinzenta orientalizante (abundante), cerâmica oxi-

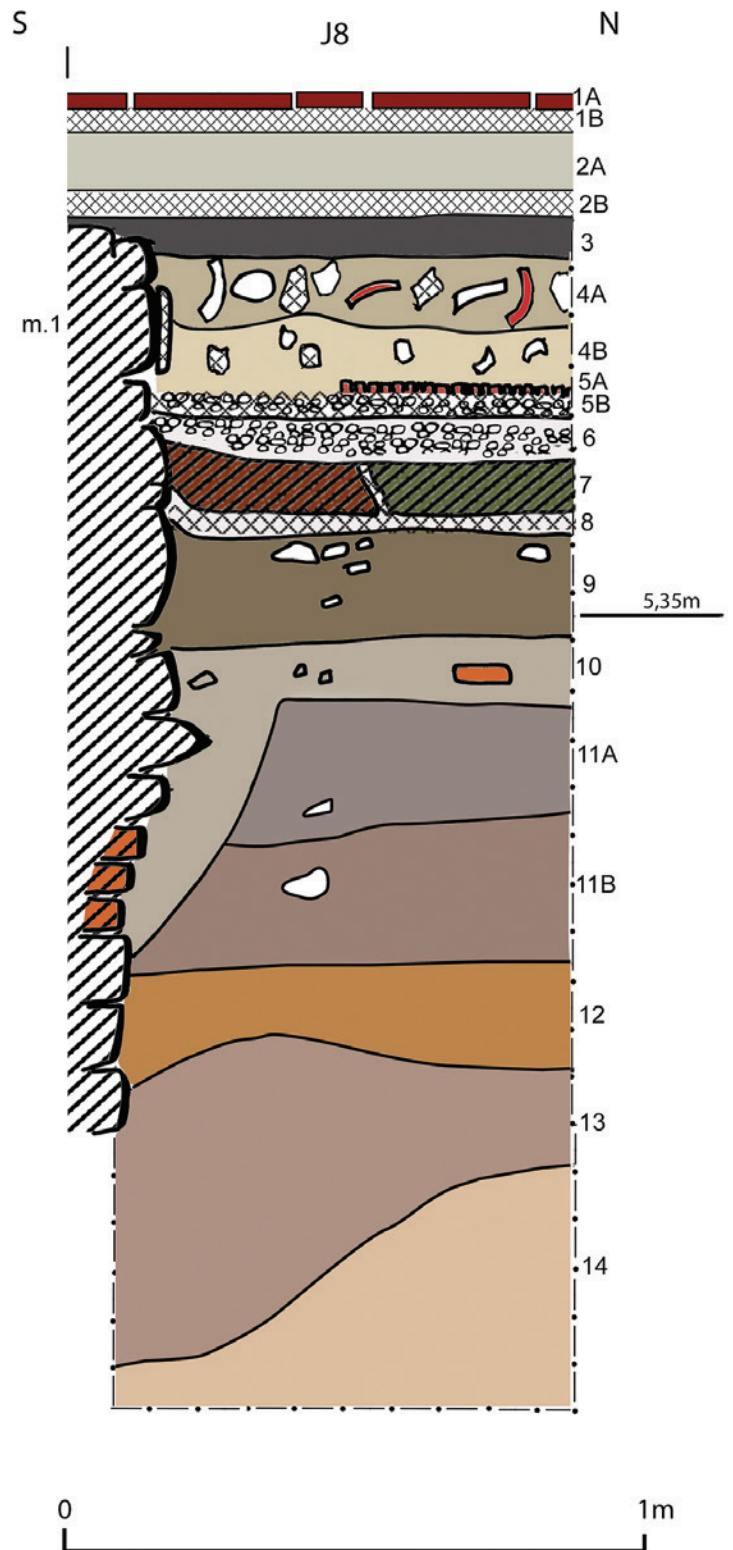


Fig. 6 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Sondagem B, perfil oeste. Estão representados os pisos das Cs. 8 (de argamassa), 6 (calhaus rolados argamassados com cal e areia) e 5A-5B, sendo o da C. 5A musivo.

dante de tipo “gris”, cerâmica pintada de bandas (rara), cerâmica comum ao torno.

C.13 - Sedimento arenoso castanho-acinzentado com carvões dispersos, que embalava escassa cerâmica da Idade do Ferro orientalizante: cerâmica de engobe vermelho (prato de bordo em aba); cerâmica cinzenta orientalizante; ânfora e cerâmica comum ao torno.

C. 14 - Substrato geológico, de arenito mal consolidado do Pliocénico.

Sondagem C (Fig. 7)

C.s 1 e 2 - Pavimento e respectiva sub-base do edifício actual.

C. 3 - Sedimento argiloso cinzento escuro, contendo rara cerâmica muçulmana.

C.4- Sedimento arenoso com carvões dispersos, cinzas e cerâmica de construção. Material datante de cronologia mais recente: *terra sigillata* hispânica (forma indeterminada) e africana A (Hayes 14 A) e ânfora Dressel 28.

C. 5A - Nível de enchimento. Sedimento arenoso, castanho-claro com manchas escuras, embalando blocos pétreos e numerosos fragmentos de cerâmica de construção e de ânforas e talhas. Forneceu *terra sigillata* sudgálica Ritt. 8 (?) marmoreada, Drag. 18 var. Genin A, Drag. 15-17, Drag. 37, e ânforas de produção regional (Dressel 14, vars. A e B). O muro sul (m. 6) da Canalização β fundou-se nesta camada.

C. 5B - Sedimento argilo-arenoso, vermelho-amarelado, embalando alguns elementos pétreos e numerosos fragmentos de cerâmica de construção e de ânforas e talhas. Forneceu *terra sigillata* sudgálica (Drag. 18? e Drag. 27 var. Genin B) e ânforas de produção regional (Dressel 14, var. A); um grande fragmento da parte inferior de uma Dressel 14 continha restos de preparados de peixe. Esta camada encostou e cobriu em parte o muro sul (m.8) da Canalização α.

C. 6 – Nível de enchimento formado por numerosos blocos pétreos e abundante cerâmica de construção. Forneceu paredes finas Mayet XXXIV, *terra sigillata* de tipo itálico Consp. 19 ou 21, ân-

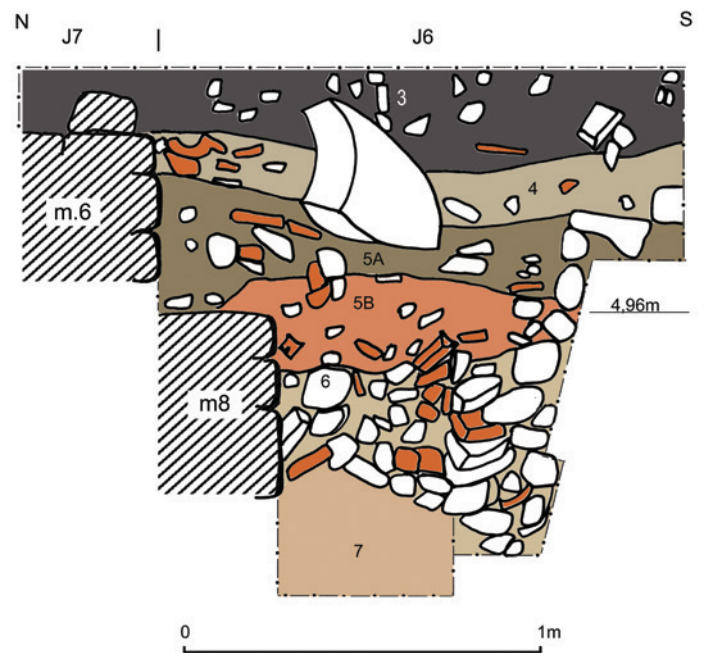


Fig. 7 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Sondagem C, perfil este.

foras importadas da Bética (Beltran II e Dressel 20) e de produção regional (Dressel 14, vars. A e A/B) e almofariz de bordo arredondado e com moldura externa, importado da Bética. Encostou à face externa do muro sul (m. 8) da Canalização α.

C. 7 – Substrato geológico formado por arenito mal consolidado do Pliocénico.

Sondagens D, E e F (Figs. 8-11)

Cs. 1 e 2 – Esp. ca. 0,1m. Presentes nas três sondagens. Pavimento, e respectiva sub-base, do edifício actual.

C. 3 – Sedimento argiloso cinzento escuro, contendo rara cerâmica muçulmana.

Nos Qs. E7, F7 e G6 preenche fossas ricas em restos de cozinha (conchas e ossos) e em cerâmica muçulmana (C.3B).

Nos Qs. H-I/6 (Sondagem D): fossa oblonga (C.3C), de origem provavelmente natural (abarrancamento); comprimento e largura indeterminados, profundidade máxima ca. 0,9m. Repleta

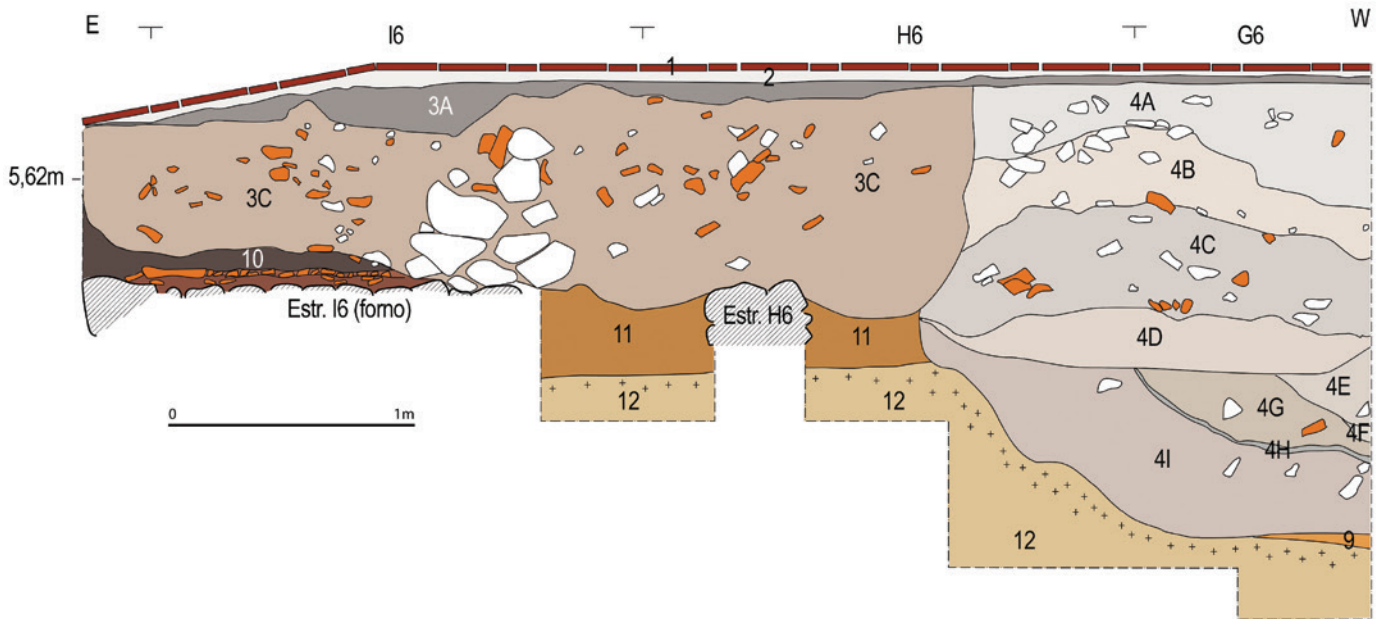


Fig. 8 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Sondagem D, perfil sul.

de sedimento cinzento-acastanhado muito escuro, embalando numerosos fragmentos de cerâmica de construção da época romana. A sua formação foi responsável pela destruição da parte superior da Estrutura I6 (forno da Idade do Ferro); truncou as Cs. 4 A a 4 C da Sondagem D.

C.4 – Observada nas três sondagens. Sequência de níveis (esp. ca. 0,1-0,5m) de entulho, ricos em fragmentos de estuque (muito frequentemente pintado a fresco) que resultaram da desmontagem do Edifício A; cerâmica de construção da época romana; raros blocos pétreos; sedimento solto castanho-amarelado claro (Cs. 4 A, 4 C, 4 E, 4 G e 4 I). Estes níveis estavam intercalados com subcamadas (esp. ca. 0,05-0,2m) de sedimento areno-argiloso castanho-avermelhado, compacto, contendo escasso material arqueológico (Cs. 4 B, 4 D, 4 F e 4 H). O espólio datante de cronologia mais recente é constituído por *terra sigillata* africana A (Hayes 27) e C (Hayes 44 e 50?) e ânforas Almagro 51 c, var. B, cronologicamente abrangendo principalmente a 2ª metade do século III e os três primeiros quartos do século IV.

Esta série de níveis da C.4 no Q.G6 (Sondagem D) cortou as Cs. 5 a 9, preenchendo uma depressão com cerca de 1,2m de profundidade resultante de um processo de abarrancamento que teria ocorrido durante os séculos III-IV, pois é esta a cronologia que atribuímos à formação da C.4.

C.5 (observada somente no Q. G6, Sondagem D) - Esp. ca 0,2m. Sedimento areno-argiloso, solto, de cor castanho-clara. Cortada pelo Muro 11 e C.4.

C.6A (observada somente no Q. G6, Sondagem D) - Esp. ca 0,1m. Sedimento argiloso compacto, de cor castanho-avermelhada. Cortada pelo Muro 11 e C.4. Continha paredes finas Mayet X e XXXIII A.

C.6B (observada somente no Q. G6, Sondagem D) - Esp. ca 0,15m. Sedimento solto, de cor bege, com manchas acinzentadas. Escassa cerâmica (ânforas lusitanas precoces). Foi cortada pelo Muro 11 e pela C.4.

C.7 (observada somente no Q. G6, Sondagem D) - Esp. ca 0,45m. Série de três níveis (Cs. 7A, 7B e 7C) de sedimento solto, de cor bege com

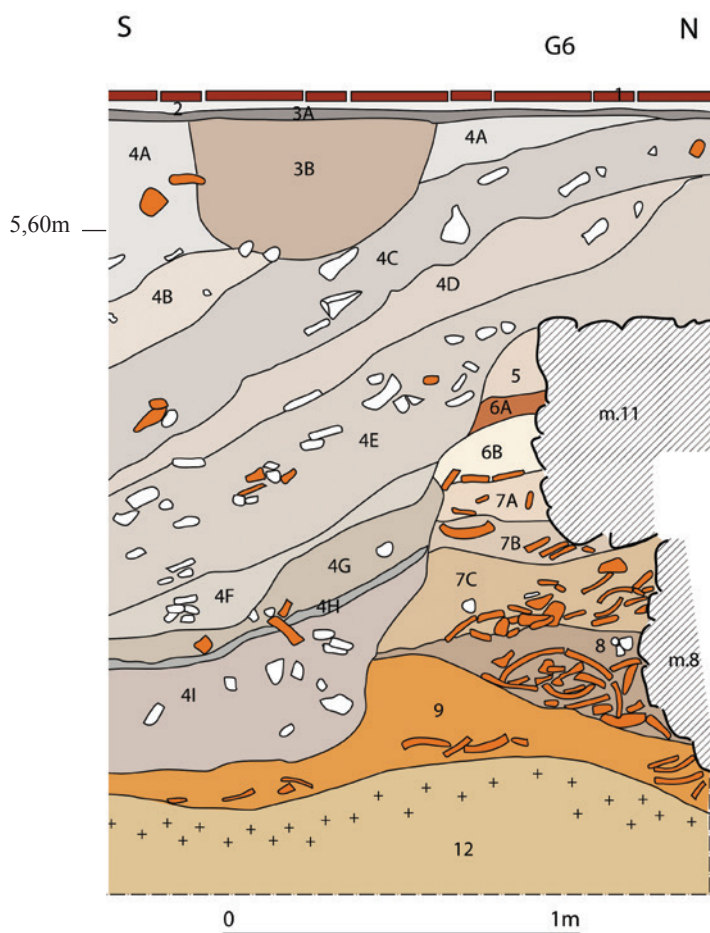


Fig. 9 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Sondagem D, perfil oeste.

manchas alaranjadas, concentrações de cinzas, carvões e argila queimada, que se distinguem entre si sobretudo pela quantidade da cerâmica que contêm (fragmentos em geral de ânforas lusitanas precoces), a qual aumenta progressivamente em profundidade, atingindo frequência muito elevada, com fragmentos de grandes dimensões, na C.7C. Forneceu *terra sigillata* de tipo itálico, Consp. 4.5 (C.7A), paredes finas Mayet VIII ou VIIC (C.7C), almofariz da Fase I da forma de “bordo reentrante” com moldura na superfície externa (C.7B) e ânforas lusitanas precoces de pasta do tipo Sado/Tejo. As Cs. 7A e 7B foram cortadas pelo Muro 11 e pela C.4; a C.7C era coberta pelo alicerce daquele muro e foi cortada pelo Muro 8 (muro sul da Canalização α).

C.8 (observada somente no Q. G6, Sondagem D) – Esp. máxima *ca* 0,3m. Sedimento argiloso pouco compacto, de cor castanho-acinzentada, muito rico em cinzas, carvões e fragmentos de cerâmica pertencentes principalmente a ânforas lusitanas precoces de pasta tipo Sado/Tejo, algumas delas queimadas e/ou deformadas por acção do calor. Além disso, continha *terra sigillata* de tipo itálico, Consp. 18, var. 5 e paredes finas Mayet IIA ou IID.

As Cs.7 e 8 correspondiam a “entulheiras” de presumível olaria que, no período augustano-tiberiano teria funcionado nas proximidades.

C.9 (observada somente no Q. G6, Sondagem D) - Esp. máxima *ca* 0,4m. Sedimento areno-argiloso, castanho-amarelado, embalado (no topo da camada), numerosos fragmentos de cerâmica (principalmente de ânforas lusitanas precoces de pasta tipo Sado/Tejo), e almofariz da forma Dramond D1, itálico. Esta camada assentava directamente na C. 12 e formou-se a expensas, por um lado, da “entulheira” da C.8, e, por outro, da desagregação do substrato geológico (C.12).

C.10 (observada somente no Q. I/6 da Sondagem D) - Esp. *ca* 0,25m. Sedimento areno-argiloso, de cor castanho-acinzentada escura, contendo raros fragmentos de cerâmica sem bordo atribuíveis à Idade do Ferro. Assentava sobre a Estrutura I6 e foi superiormente cortada pela fossa da C.3C.

C.11 (observada somente no Qs. H-I/6 da Sondagem D) - Esp. *ca* 0,35m. Sedimento areno-argiloso, compacto, de cor castanho-amarelada, tornando-se acinzentado na base. Embalava cerâmica do Ferro orientalizante (muito escassa na base da camada) e carvões dispersos (presença de escamas de pinha de *Pinus* sp.). As Estruturas H6 e I6 (forno), igualmente da Idade do Ferro, foram implantadas nesta camada.

C.12 - Substrato geológico (arenito mal consolidado do Pliocénico).

As estratigrafias observadas nas diversas sondagens sugerem a seguinte sequência de eventos (do mais antigo para o mais recente):

- Ocupação da Idade do Ferro orientalizante (Cs.11-13 das Sondagens A-B e Cs. 10 e 11 da

Sondagem D), com a construção de presumível forno de pão (Estrutura I6).

- Intensa acção erosiva que destruiu grande parte dos níveis sidéricos e abriu profunda depressão (Sondagens C e D) a este (Q. J6, Sondagem C) e a oeste (Q. G6, Sondagem D) das estruturas I6 e H6.

- Colmatação dessa depressão por níveis da época romana (os mais antigos datados, no Q. G6, Sondagem D), do período augustano-tiberiano, e no Q. J6 (Sondagem C) de meados/3º quartel do século I. É possível que os paleotaludes formados na depressão dos quadrados adjacentes ao Q.G6 tenham sido utilizados, no período augustano-tiberiano, para a construção de forno ou fornos (adossados a esses taludes) de olaria produtora de ânforas lusitanas precoces; a mesma depressão receberia também subprodutos da actividade desenvolvida pela mesma olaria (Cs. 7, 8 e topo da 9 da Sondagem D).

- Construção da canalização α , em meados/3º quartel do século I, e formação do nível de enchimento a ela adjacente (C.6 da Sondagem C), canalização que irá cortar níveis da “entulheira” augustano-tiberiana (Cs. 7C e 8 da Sondagem D).

- Construção, no 3º quartel do século I, do Edifício A (Cs. 9 e 10 das Sondagens A-B).

- Construção, no último quartel do século I/ século II da Canalização β (Cs. 5A e 4 da Sondagem C).

- Construção, no Edifício A, talvez na 1ª metade do século III, de piso de mosaicos (Cs. 5-7 da Sondagem B).

- Intensa erosão da “entulheira” augustano-tiberiana (Sondagem D), com o reavivamento da depressão do Q. G6, seguida pela colmatação desta depressão entre o século III e a 1ª metade do século IV. Esse preenchimento (C.4 das Sondagens D, E e F) é constituído por depósitos de entulho ricos em calças e estuques pintados a fresco intercalados por níveis areno-argilosos de origem coluvionar. A composição da C.4 das Sondagens D, E e F parece indicar que o Edifício A, uma vez abandonado, serviu como pedreira, pois os entulhos que integram essa camada são muito pobres em blocos pétreos, mas, pelo contrário, muito ricos em argamassas.

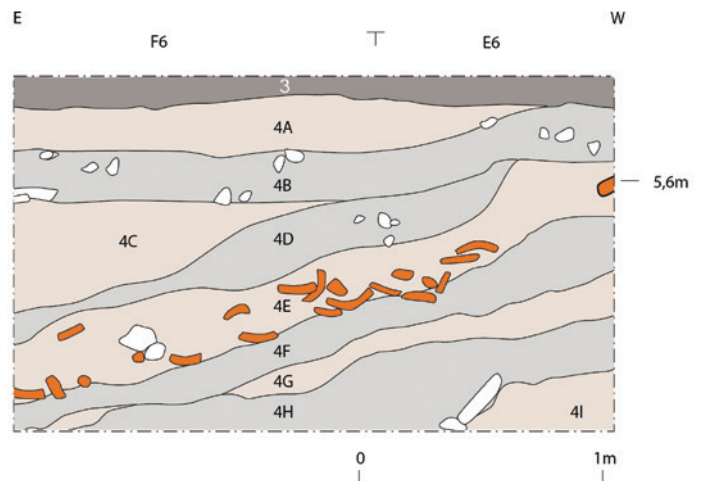


Fig. 10 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Sondagem E, perfil sul.

Além do desmantelamento selectivo do Edifício A, é ainda de salientar que o mesmo não foi demolido de uma única vez, mas sim sincopadamente, pelo que se teriam formado os níveis 4B, 4D, 4F e 4H da Sondagem D ou os níveis 4A, 4C, 4E e 4G da sondagem E, correspondentes a momentos de paragem naquela demolição.

- Frequência episódica do local, no final do século IV e século V, quando o Edifício A se encontrava abandonado e destruído (presença de raríssima *terra sigillata* africana D, Hayes 61 A e B na C.4A da Sala II daquele edifício).

- Construção de sepultura, implantada na C. 4A da Sondagem F, na Alta Idade Média (século VII).

- O local é de novo habitado, verificando-se a abertura de fossas, utilizadas como depósitos de detritos domésticos, durante o período islâmico.

Com base nestas observações, podemos, em síntese, estabelecer a seguinte periodização para a diacronia da ocupação humana do lote da Rua António Joaquim Granjo, 19 (da fase mais antiga para a mais recente, até ao período islâmico – os níveis medievais cristãos e grande parte dos da Época Moderna foram destruídos pela construção do edifício actual, provavelmente na 2ª metade do século XVIII ou já no século XIX):

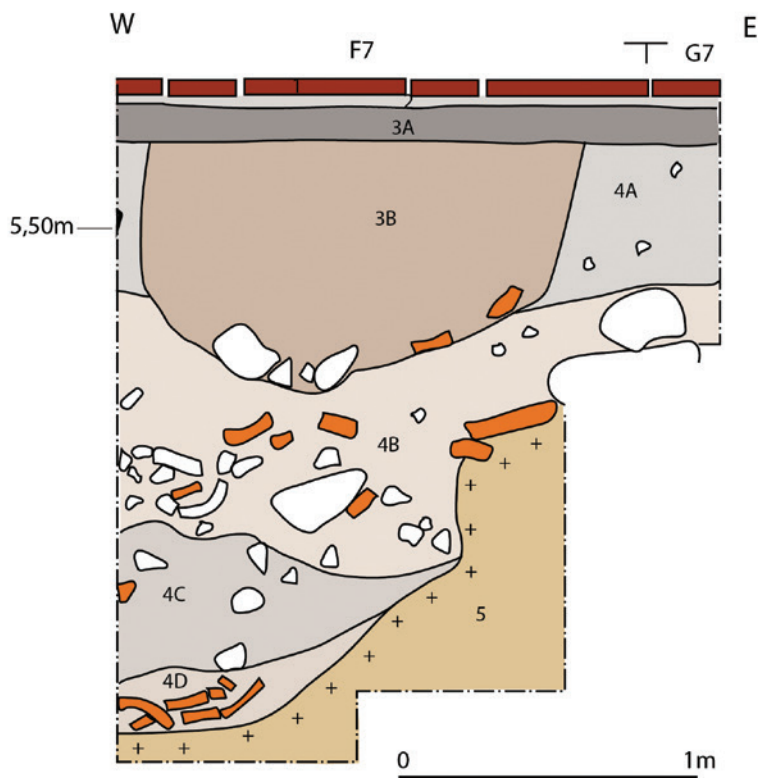


Fig. 11 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Sondagem F, perfil norte.

Fase I - Idade do Ferro², com testemunhos sobretudo do período orientalizante.

Fase II - Época Romana. Divide-se em quatro subfases:

IIA - Período augustano-tiberiano. Laboração de presumível olaria de produção de ânforas lusitanas precoces.

IIB - De meados/3º quartel do século I a meados do século III. Construção e utilização do Edifício A.

IIC - Século III/1ª metade do IV. Abandono e desmantelamento do Edifício A.

IID - Final do século IV/século V. Após o abandono e destruição do Edifício A, frequência episódica do local.

Fase III - Alta Idade Média (Século VII). Ocupação de carácter sepulcral.

Fase IV - Período islâmico. Ocupação de carácter doméstico.

2 - Durante a escavação, admitiu-se a presença, no nível mais profundo das Sondagens A e B, de materiais do Bronze Final, o que não se confirmou após os estudos de gabinete.